

## O eterno conflito: biblioteca versus escola de Biblioteconomia

Norman D. Stevens

Wilbur Cross Library  
University of Connecticut  
Storrs, Conn., USA

*Resumo* — Visando a eliminar mal-entendidos entre os bibliotecários que trabalham na biblioteca universitária e os professores e alunos da escola de Biblioteconomia, apresenta-se uma série de defeitos destes últimos, na área profissional. Espera-se que haja uma resposta do pessoal da escola, negando, justificando ou reconhecendo seus defeitos, e apontando as imperfeições da equipe da biblioteca. É através do diálogo que essas duas unidades irmãs, justamente as que mais se digladiam dentro da universidade, poderão chegar ao entendimento, à convivência pacífica e à colaboração desinteressada e espontânea.

As atividades de uma biblioteca universitária e de uma escola de Biblioteconomia, dentro de um mesmo prédio, deveriam constituir, ao menos em teoria, um esforço muito bem coordenado, do qual resultassem benefícios para ambas.

A escola, de um lado, treina possíveis membros da equipe da biblioteca. Deveria, pois, ser antes de tudo uma fonte de ajuda, não só encorajando seus estudantes a agirem como auxiliares devotados dos profissionais mais antigos que labutam na biblioteca, mas, sobretudo, transmitindo-lhes todo o entusiasmo de idealistas, como o são, em geral, os principiantes.

A escola deveria formar grupos seletos de novos profissionais, ávidos de emprego na biblioteca que, não obstante seus defeitos, lhes serviu de laboratório e centro de estudos e de pesquisas durante o curso. Ela teria também que servir de estímulo para renovação de conhecimentos e contínuo aperfeiçoamento dos profissionais formados anteriormente.

Tradução de "The continuing conflict" (*Journal of Education for Librarianship* 9 (4) :308-312, Spring 1969), autorizada pelo autor. Tradução de J. Laurentino de Sousa.

Os professores da escola poderiam, por exemplo, oferecer espontaneamente ao pessoal da biblioteca o resultado de suas leituras profissionais, cooperando com idéias atualizadas sobre administração e novas técnicas de trabalho. Naturalmente eles têm mais tempo para a leitura e maior obrigação de assimilar as informações novas contidas na literatura profissional consultada, visando ao preparo das aulas. Portanto, com o mesmo entusiasmo com que os bibliotecários de referência lhes encaminham os livros novos e artigos de revistas relacionados com a profissão, eles teriam que devolver, em troca, os resumos e as críticas a respeito.

O pessoal da escola teria, também, de ser capaz de auxiliar no desenvolvimento e no reforço da coleção da biblioteca, principalmente no campo que lhe é de maior interesse, isto é, Biblioteconomia e Documentação, Referência e Bibliografia (sem falar nos assuntos da atualidade: Informática, Processamento Eletrônico de Dados, Sistemas de Informação, Microfilmagem, etc.). Além disso, os trabalhos, pesquisas e exercícios dos alunos deveriam ser orientados no sentido de fornecer algum subsídio às atividades da biblioteca. Os estudantes sentiriam, assim, que seus esforços não estavam sendo em vão e poderiam se interessar mais pelos trabalhos práticos, fazendo algo que se aproveitasse.

A idéia de estagiários na biblioteca é realmente excelente. No entanto, eles deveriam ser supervisionados pelos seus próprios professores. Somente após a correção ou a revisão feita pelos professores é que os trabalhos seriam encaminhados à biblioteca, como colaboração. Do contrário, os estagiários mais atrapalham do que ajudam, uma vez que a biblioteca tem que deslocar de suas funções normais os bibliotecários, para supervisionar e orientar os trabalhos, ou tem que correr o risco de confiar nos trabalhos executados com pouca supervisão.

O corpo docente da escola de Biblioteconomia deveria também colaborar um pouco para o bom andamento das atividades da biblioteca, como seus “propagandistas” e defensores junto aos demais membros do corpo docente da universidade. As verdadeiras funções e finalidades da biblioteca deveriam ser explicadas a todos os professores da universidade, pois muitos deles padecem de verdadeira bibliotecofobia.

A biblioteca universitária, por sua vez, deve servir de excelente campo de ação, onde estudantes e professores possam fazer seus exercícios, suas experiências e pesquisas. Em busca da perfeição biblioteconômica, de modo racional e útil, professores e alunos deveriam procurar a biblioteca como terreno propício em que pudessem plantar algo cuja colheita revertesse em benefício de toda a comunidade. A biblioteca fornece, para isso, os instrumentos de trabalho, dando o bom exemplo de como deve funcionar uma biblioteca. O pessoal da biblioteca se esforça ao máximo no sentido de garantir a formação de uma boa coleção de reforço às atividades da escola. Alguns de seus integrantes poderiam até mesmo auxiliar,

esporadicamente, nas atividades de ensino, naquelas áreas mais especializadas dos programas da escola.

Deste modo, em tudo, os dois órgãos deveriam trabalhar de mãos dadas, de maneira que tanto os professores de outras áreas de ensino, como o pessoal administrativo da universidade e as pessoas de fora, achassem difícil distinguir quem pertencia a uma ou outra unidade. Tudo o que a biblioteca fizesse deveria ser, ou parecer, como sendo feito de comum acordo com a escola, e vice-versa. Afinal de contas, tanto a equipe da biblioteca como os membros do corpo docente da escola tiveram a mesma formação teórica e o mesmo treinamento, sendo possível que tenham conhecimentos e interesses idênticos e que hajam escolhido a mesma profissão por afinidade de vocação. Não se entende, pois, porque tantas distinções e diferenças.

Em algumas instituições já se fez uma experiência bastante interessante, na tentativa de combinar interesses e por um ponto final nas divergências entre biblioteca e escola: colocou-se um só diretor à frente das duas. Parecia que isso ia dar bom resultado. Sabe-se, no entanto, que o trabalho de um chefe de biblioteca exige tempo integral. Portanto, não era justo que ele administrasse a escola nas sobras de tempo. Deste modo, com uma só pessoa encarregada das duas unidades, esta pessoa acabou transferindo toda a responsabilidade da escola para um seu amigo, que se tomou logo inimigo, e a briga continuou. O que acontece normalmente, porém, é que duas pessoas diferentes administrem as duas unidades. Está certo que sejam duas pessoas diferentes. Mas seria ótimo que essas pessoas tivessem a mesma maneira de pensar sobre os problemas profissionais e fossem semelhantes sob muitos aspectos quanto ao modo de tomarem decisões ou, ao menos, que tivessem mais ou menos o mesmo grau de humildade ou compreensão para ceder perante os argumentos um do outro. De fato, a profissão é a mesma; ambos os administradores fazem parte de uma mesma instituição, a universidade, e são membros de um mesmo grupo dentro da universidade, o de chefes ou diretores, ligados todos a um só reitor.

Em vista de tudo isso, não se entende porque tanta dificuldade em se obter uma estreita cooperação de esforços entre biblioteca e escola de Biblioteconomia. Naturalmente se poderia admitir que houvesse conflitos entre a biblioteca e o departamento de Letras, por exemplo, sobre a necessidade de permanecerem na sala de reserva todos os exemplares de Gramática Portuguesa, não obstante os alunos de determinado professor, que solicitou sua reserva, não consultarem os exemplares que estão fazendo falta para outros alunos. Mas o tal professor do departamento de Letras, que jamais frequenta a biblioteca e que não conhece as necessidades de seus alunos, não admite que os exemplares, ao menos em parte, voltem às estantes do acervo geral, pois, em sua glória, não admite que

o chefe da biblioteca interprete suas ordens. Poder-se-ia entender também que houvesse conflitos entre a biblioteca e o departamento de Direito, que não possui nem representante junto à biblioteca nem colabora com listas de livros para novas aquisições, mas que critica a qualidade dos livros que a biblioteca tenta selecionar e comprar para servir aos alunos de Direito. O departamento de Química também poderia discutir sobre a maneira de como a biblioteca deveria melhor dar apoio às pesquisas científicas na universidade. Por outro lado, seria muito natural e perfeitamente admissível que remasse uma grande amizade, compreensão e compatibilidade de interesses entre a biblioteca e a escola de Biblioteconomia... Infelizmente toda a evidência é de que isso não acontece. Frequentemente há maior antagonismo e maiores desentendimentos entre elas, que labutam sob o mesmo teto, do que entre a biblioteca e qualquer outra unidade universitária.

Em todas as instituições que conheço, onde funcionam juntas a biblioteca e a escola de Biblioteconomia, a situação aqui descrita é real e verdadeira. Todos concordarão comigo, no entanto, que esta é uma situação muito infeliz e prejudicial. Mas isso constitui uma espécie de tabu que ninguém quer encarar ou sobre o qual não se fala abertamente, principalmente buscando uma solução satisfatória. A discussão nunca chega a bom termo nem a resultados razoáveis. É até perigoso de se tocar neste assunto! Tanto assim que não pude encontrar nenhuma informação a respeito deste mal na literatura biblioteconômica. As discussões orais de que tomei conhecimento só tiveram lugar a altas horas da noite, quando o álcool, após reuniões sociais, já fizera o pessoal soltar a língua ou não atentar para o sentido das coisas sobre as quais não se fala abertamente.

Entretanto, o estudo e a discussão sincera e amigável deste problema e suas causas bem poderiam levar a uma solução ou, ao menos, à diminuição de tensão, em proveito de todos. Os comentários que estou tecendo aqui são puramente pessoais, baseados em observações feitas em diversas instituições e nas conclusões provenientes de conversas informais mantidas com pessoas das duas áreas. Além disso, fiz observações mais atentas e profundas, de ambos os lados, numa instituição, cujo nome não devo citar aqui, mas que vieram confirmar minha convicção no que estou escrevendo. Devo esclarecer que esses comentários são quase inteiramente representativos do ponto de vista do pessoal da biblioteca. Creio que um estudo como este deve provocar muitos e contraditórios comentários e réplicas do pessoal da escola de Biblioteconomia, tanto dos professores como dos alunos, com os quais não antipatizo inteiramente.

O conflito de que estou falando pode ser atribuído principalmente ao inevitável choque que normalmente se dá entre o prático e o teórico. Mas também pode ser causado por problemas de personalidades fortes, querendo sobressair dentro de um mesmo ramo de atividade. Algumas vezes,

porém, a causa de tudo é a desconfiança que o pessoal da escola nutre com relação ao chefe da biblioteca que, nos Estados Unidos, nem sempre tem que ser bibliotecário formado. Às vezes é nomeado um dos membros mais antigos do corpo docente, ou um professor que dominava a comissão de professores junto à biblioteca e se toma seu chefe, ou um dos figurões da profissão, famoso por tradição, mas que não merece confiança.

É possível, também, que essas rixas sejam provocadas por motivos de ordem financeira, pela competição por minguadas verbas ou por questões salariais. É claro que a luta não se limita ao campo financeiro. Ela se exacerba, por exemplo, na procura e admissão de pessoal qualificado e competente, e piora mais ainda na disputa daquele prestígio que parece inerente aos cargos eletivos nas associações e conselhos de âmbito local, regional e nacional. Pode também advir da ânsia de fama no campo literário, o que predispõe a pessoa à crítica sistemática dos trabalhos e argumentos dos colegas, para não falar de outros expedientes usados a fim de desprestigiar os colegas-rivais ou para conservá-los afastados das lides das elites literário-profissionais...

Entretanto, todos os fatores já citados me parecem de somenos importância em comparação com outro que vamos apresentar, que talvez seja a real causa de todos os problemas. Trata-se do alto nível de desempenho profissional que às vezes uma unidade exige ou espera da outra, desempenho esse irracionalmente muito alto.

Vamos ver agora as principais queixas que o pessoal da biblioteca tem contra seus colegas da escola de Biblioteconomia. Elas servirão para esclarecer, na prática, o que acabo de dizer teoricamente.

1) Sem dúvida nenhuma, os estudantes de Biblioteconomia são os piores consulentes da biblioteca. Sozinhos, não sabem encontrar, com certa rapidez, o material bibliográfico de que necessitam. Não conseguem fazer uso efetivo e eficiente do catálogo, nem dos fichários dos periódicos, nem dos instrumentos de informação que se encontram na Referência. Além disso, acham que o pessoal da biblioteca tem obrigação de fazer seus trabalhos e pesquisas, ao invés de aprenderem, eles mesmos, a como fazê-los. E, embora não possa ser provado, a incidência de roubos e mutilações do material bibliográfico atribuídos a alunos de Biblioteconomia é, no mínimo, tão alta, para não dizer mais elevada, do que a dos outros estudantes. Enfim, eles são freqüentemente responsáveis pela destruição ou mutilação de importantes obras de referência, em vista da consulta desleixada e de má vontade que fazem, na tentativa de resolverem seus problemas relacionados com insignificantes trabalhos escolares.

2) Se os alunos de Biblioteconomia são fracos no uso da biblioteca, os membros do corpo docente da escola são incrivelmente ineptos ou, na melhor das hipóteses, nada melhores do que seus colegas de outros depar-

tamentos. O pedido de reserva de livros para seus cursos são normalmente encaminhados com atraso. Informam aos estudantes que os livros estão na reserva bem antes que o pessoal da biblioteca tenha recebido e providenciado o pedido de reserva. Não levam ao conhecimento do pessoal da biblioteca os trabalhos que passam para os alunos e que vão exigir deles grande uso de material das coleções especiais, suscetível de roubo ou de mutilação. Mandam os alunos fazer estágio em seções da biblioteca sem a devida notificação ao responsável e sem dar assistência ao estagiário, esperando que o pessoal da biblioteca largue seus afazeres normais para atender aos alunos, orientá-los e corrigir seus trabalhos. Encomendam livros num dia e acham que já devem estar prontos para consulta no dia seguinte. E assim por diante. Porém, de todos os defeitos dos professores de Biblioteconomia, o mais imperdoável é a aparente falta de habilidade ou de capacidade para elaborar uma lista bibliográfica, clara, limpa, inteligível e de acordo com as normas. Em geral, tanto em seus pedidos de livros para reserva, como nas de encomenda de publicações, vêm citações incompletas e com defeitos de referência.

3) Pesquisas realmente válidas feitas por professores de Biblioteconomia referentes a bibliotecas universitárias são extremamente raras e geralmente de muito pouco uso prático e de validade comprovada raríssima. O que acontece mais freqüentemente é ser a biblioteca presenteada com uma dúzia de inadequados relatórios estudantis sobre o sistema de circulação, que o professor nem supervisionou devidamente, nem entendeu direito.

4) Os professores de Biblioteconomia infelizmente prestam um serviço paupérrimo à biblioteca, quanto ao desenvolvimento de boas coleções na área de Biblioteconomia, Documentação, Bibliografia e Referência, para nem falar em Informática. Como outros membros do corpo docente, eles acham que o reitor dá bem pouco valor a esse problema, e não é provável que as recomendações para promoção sejam baseadas na colaboração prestada à biblioteca.

5) A crescente natureza interdisciplinar das ciências, principalmente da Biblioteconomia e as vantagens da centralização das bibliotecas, tanto para os professores como para os usuários em geral e para a própria biblioteca central — por vários motivos de ordem administrativa — parecem completamente desconhecidas para a administração da universidade e para os professores de Biblioteconomia. A tendência deles, na prática, é a de apoiar as bibliotecas “particulares” que proliferam nas salas de cada professor.

6) O pessoal da escola tem a mania de considerar a equipe da biblioteca como fonte barata e instantânea de trabalho. Os membros do quadro da biblioteca, convidados a lecionar, geralmente não são pagos como professores, nem ao menos recebem gratificações condignas pelo excesso de

trabalho que lhes é imposto. Mesmo assim eles dão sua colaboração, embora ganhando menos que professores de tempo parcial. Além disso, os bibliotecários-não-professores, em geral, somente são convidados a lecionar como último recurso e no derradeiro instante, para “tapar buraco”, quando ninguém pode ser encontrado, ou quando um grande número de alunos, maior do que o esperado, forçou a criação de classes suplementares.

7) Ao invés de procurar dar uma pequena assistência à biblioteca, encorajando os melhores alunos a nela ingressar depois de formados, o pessoal da escola parece sentir prazer em impingir-lhe os mais desqualificados formandos. Os estudantes mais fracos e incapazes, especialmente os que vêm de longe e necessitam de urgente auxílio financeiro, são indicados para trabalhar em tempo parcial na biblioteca, esperando-se que fiquem por lá depois de formados, bem como os que não puderam arranjar colocação noutros lugares. Aliás, o encarregado de dar referências para os recém-formados, não parece ter grande tendência à honestidade em seus julgamentos e avaliações sobre as qualidades dos candidatos a emprego.

8) Vivendo no mundo do passado, com limitadíssima experiência em serviços de bibliotecas universitárias contemporâneas, os professores não hesitam em criticar a biblioteca, quer em reuniões sociais, quer em coquetéis, e principalmente com seus colegas de corpo docente, sem desconfiarem de que membros de outros departamentos da universidade ou da administração, podem, pelo contrário, achar que a biblioteca vai muito bem e que há bons profissionais e especialistas em suas fileiras. O que dizer, por exemplo, de professores de Biblioteconomia que comentam, com o pessoal da administração da universidade, que a biblioteca tem gente demais e está fazendo uso inadequado do pessoal, quando a biblioteca está justamente tentando convencer a administração da necessidade de mais funcionários?

Pode ser que o chefe da biblioteca e seus bibliotecários esperem demais do corpo docente da escola ou confiem muito na ilusão de que eles sejam perfeitos. Pode ser que seu conceito de professores de Biblioteconomia seja por demais elevado. Mas será esperar ou exigir demais ter a suposição de que eles e seus estudantes sejam melhores do que a média dos usuários da biblioteca? O que é que devemos, então, esperar desses colegas que deveriam conhecer melhor do que nós os problemas biblioteconômicos e suas soluções, bem como o regulamento e as normas da biblioteca, que eles próprios deveriam procurar aperfeiçoar?

Para terminar, gostaria de lembrar e dar ênfase ao fato de que uma relação dos defeitos da biblioteca e de seus funcionários poderia ser feita, por sua vez, tão longa quanto essa que aí fica, ou mais completa ainda. Tudo isso poderia também ser analisado em termos de frustradas expectativas. Já não seria tempo de tanto a escola como a biblioteca se tomarem mais realistas quanto às exigências que uma deve fazer da outra? Um murmúrio

geral sobre esse eterno conflito entre essas que deveriam ser as duas mais entrosadas unidades dentro de uma instituição, parece, claramente, estar na ordem-do-dia. Cada uma delas tem muito a ganhar e pouco a perder com a discussão pública e sincera desses problemas, visando a uma possível solução.

*Abstract*

The continuing conflict: library x library school

Several faults of faculty members and students of the library school are pointed out, regarding their relationship with the library staff. Any answer from the library school staff will be welcomed, since the main purpose of the work is to begin a dialogue between these two brother units, that seem to be the most quarrelsome within the university. Through a sincere dialogue librarians working in a similar place and condition should be able to eliminate the misunderstandings and work together in peace and with an unselfish and spontaneous cooperation.